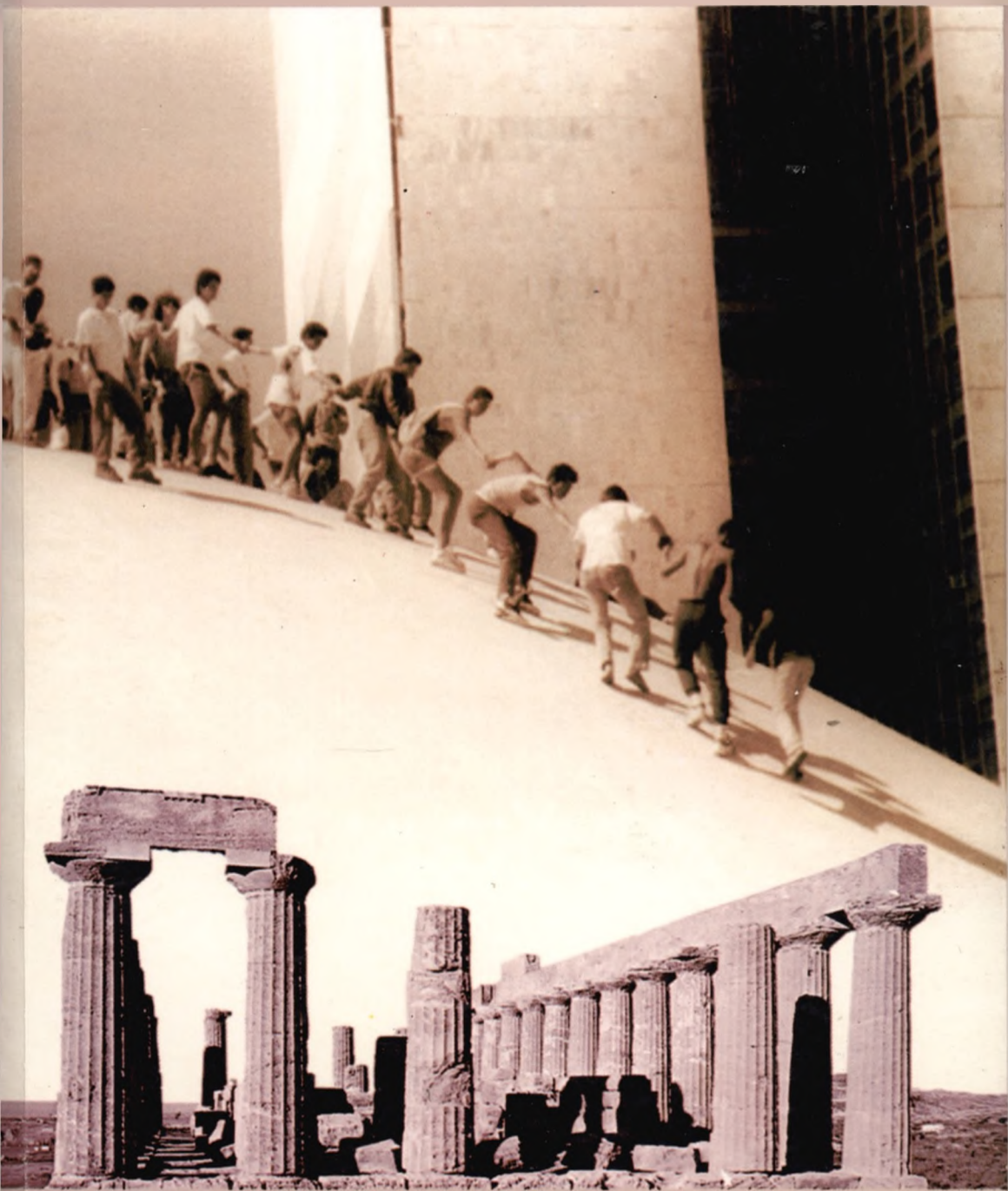


democracia a grande revolução



Para que serve a democracia? Quem se beneficia dela? É a democracia um fenômeno natural ou deve ser construída e consolidada?

O objetivo deste livro é contribuir para o debate inerente ao processo democrático. O *Simpósio Florestan Fernandes – a Construção da Democracia*, em homenagem a um dos maiores pensadores do Brasil, foi a maneira idealizada para se obter algumas respostas aos desafios atuais enfrentados pelas nações democráticas. Reuniu representantes de vários países para apreender experiências de consolidação de diferentes processos democráticos.

As crises sociais de naturezas diversas que afetam os países de todo o mundo provocam a discussão dos modelos democráticos, cujos elementos formais, efetivamente, existem. Todas as lutas do século XX foram pelo princípio histórico da democracia – a liberdade. O século XXI será o das lutas por equidade, pois sem ela corremos o risco de perder todas as conquistas democráticas. A complexidade das questões sociais exige compromisso coletivo e individual para transformar a promessa de democracia em realidade.

O título desta obra reflete a necessidade de uma grande revolução a ser empreendida para a construção e a consolidação da democracia em todo o mundo.

O *Simpósio Florestan Fernandes – a Construção da Democracia* é a contribuição efetiva da Universidade de Brasília, que na forma de livro socializa o debate. A continuidade do *Simpósio Florestan Fernandes* é o compromisso da UnB com os ideais democráticos para o próximo século.

**DEMOCRACIA
A GRANDE REVOLUÇÃO**



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

João Claudio Todorov

Vice-Reitor

Erico Paulo Siegmar Weidle

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Emanuel Araújo

Alexandre Lima

Álvaro Tamayo

Aryon Dall Igna Rodrigues

Dourimar Nunes de Moura

Emanuel Araújo

Euridice Carvalho de Sardinha Ferro

Lúcio Benedito Reno Salomon

Marcel Auguste Dardenne

Sylvia Ficher

Vilma de Mendonça Figueiredo

Volnei Garrafa

DEMOCRACIA A GRANDE REVOLUÇÃO

Hermes Zaneti (organizador)

EDITORA

UnB

Fundação de Apoio à Pesquisa/DF

Direitos exclusivos para esta edição:
EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
SCS - Q. 02 - Bloco C - nº 78 - Edifício OK - 2º andar
70.300-500 - Brasília - DF
FAX: (061) 225-5611

Copyright © 1996 by Editora Universidade de Brasília

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem autorização por escrito da Editora.

Impresso no Brasil

EDITORES

TANIA MOREIRA DA COSTA E REGINA MARQUES

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS/REVISÃO

TANIA MOREIRA DA COSTA, REGINA MARQUES E SILVIA MARIA ALVES

ACOMPANHAMENTO EDITORIAL

SONJA SAMPAIO

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

LUÍZA MARIA ROCHA NERY

CAPA

FORMATOS DESIGN E INFORMÁTICA

SUPERVISÃO GRÁFICA

ELMANO RODRIGUES PINHEIRO

ISBN: 85-230-0451-3

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

D383 Democracia: a grande revolução / organização de Hermes Zaneti. — Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

179 p.

1. Ciência Política. 2. Democracia. I. Zaneti, Hermes.
II. Título.

CDU 32
321.7

SUMÁRIO

Apresentação

Hermes Zaneti – Coordenador do Projeto Constituição, 7

Introdução

Democracia: a grande revolução, 11

João Claudio Todorov – Reitor da Universidade de Brasília

I - A construção da democracia

A revitalização da arte da política, 15

Fernando Henrique Cardoso – Presidente da República Federativa do Brasil

II - Democracia: das origens à modernidade

Celebrando 2.500 anos de democracia, 31

Alexander Vayenás – Embaixador da República Helênica no Brasil

A evolução da democracia representativa, 37

Donald Keith Haskell – Embaixador do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte no Brasil

III - Democracia no século XXI

O desafio da equidade, 43

Juan Somavia – Presidente da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social em Copenhague, Embaixador do Chile na ONU.

Debatedores

Limitações da agenda da Cúpula Social de Copenhague, 61

Benício Viero Schmidt – Sociólogo, Professor da UnB

Democracia com equidade: um direito?, 67

Lia Zanotta Machado – Diretora do Centro de Apoio a Intercâmbios e Programas Internacionais da UnB

IV - Democracia na Ibero-América

O valor da democracia como sistema na América Latina: a experiência venezuelana, 73

Rafael Caldera – Presidente da República da Venezuela

O fortalecimento do processo democrático da Venezuela, 83

Alfredo Toro Hardy – Embaixador da República da Venezuela no Brasil

Cuba: a determinação por um caminho próprio, 95

Jorge Lezcano Perez – Membro do Conselho de Estado da República de Cuba

Democracia, desenvolvimento econômico e equidade social, 109

Heraldo Muñoz – Embaixador da República do Chile no Brasil

Democracia: valor a ser entendido e compartilhado, 121

Alieto Aldo Guadagni – Embaixador da República Argentina no Brasil

Formação da democracia na Colômbia, 133

Mario Galofre Cano – Embaixador da República da Colômbia no Brasil

V - Democracia no Pós-Comunismo

A política no pós-comunismo, 145

Jeliu Jeleu – Presidente da República da Bulgária

A evolução política e constitucional da Polônia, 149

Aleksander Luczak – Vice-Primeiro-Ministro da República da Polônia

Democracia, direitos humanos e estado de direito na Eslováquia, 159

Branislav Hitka – Embaixador da República Eslovaca no Brasil

Democratização multifacetária e permanente na Hungria, 165

Gábor Tóth – Embaixador da República da Hungria no Brasil

Estado de direito e economia de mercado na Romênia, 173

Romulus Roman – Encarregado de Negócios da Romênia no Brasil

INTRODUÇÃO

DEMOCRACIA: A GRANDE REVOLUÇÃO

João Claudio Todorov
Reitor da Universidade de Brasília

As últimas duas décadas colocaram novos problemas para a humanidade e recolocaram outros, conhecidos. Talvez os processos mais importantes tenham sido o fim da guerra fria, o colapso da União Soviética e de outros países socialistas da Europa Oriental. A China apresentou uma combinação nova, nunca antes imaginada: país rigidamente comunista, cenário da Revolução Cultural, cresceu rapidamente, seguindo os caminhos do capitalismo transnacional. O outrora Perigo Amarelo acumulou, somente em 1994, um superávit comercial de perto de 36 bilhões de dólares com o símbolo do capitalismo, os Estados Unidos. Dos países que ainda permanecem comunistas, Vietnã e Cuba fazem aberturas para seguir a “via chinesa”.

O que está acontecendo? O socialismo morreu? Teria sido o socialismo, ironicamente, uma etapa para atingir o capitalismo transnacional? Se está vivo, aonde vai o socialismo? Surgindo com a finalidade de eliminar a exclusão, particularmente a do proletariado, se alia com a forma mais avançada do sistema que era condenado como a causa da exclusão. Marxistas e não-marxistas estão igualmente perplexos. Há grandes perguntas, novas, que permanecem sem resposta:

- O socialismo morreu?
- Qual o futuro dos países que eram socialistas?
- Qual a nova ordem mundial, agora que a bipolaridade parece terminada? Hegemônica? Multicêntrica?

No mundo do capitalismo “histórico” também apareceram novas questões, geradas por novos processos. Entre eles:

- Surgem os chamados “tigres asiáticos”, usados como exemplos positivos da globalização, que aderiram à estratégia do *export-led growth*, do crescimento liderado pelas exportações. Em período historicamente curto, a globalização gerou um fenômeno econômico que não foi acompanhado por mudanças cognitivas de igual magnitude no Ocidente. Sabemos pouco a respeito dos “tigres asiáticos” e a grande bar-

reira é o idioma. No Brasil, como em outros países, as escolas e universidades ficaram atrasadas em relação aos requisitos idiomáticos da globalização. Entretanto, alguns trabalhos deixam entrever que as políticas econômicas foram muito menos uniformes do que acreditávamos, mas sublinham uma surpreendente semelhança em reformas sociais que aparecem como “pré-condições” para aquele modelo de crescimento.

- Tanto em países “centrais” quanto no Terceiro Mundo voltam à cena políticas fiscais e monetárias de índole conservadora. Chamadas, na América Latina, de neoliberais e, nos Estados Unidos, de conservadoras ou neoconservadoras, elas também se diferenciam umas das outras, sendo menos iguais do que parecem. Não obstante, alguns objetivos e sucessos parecem comuns: a redução do déficit público, a redução da inflação, a estabilização da economia, a maior eficiência das empresas, a maior produtividade do trabalho. Do lado negativo, algumas consequências também parecem comuns: taxas limitadas de crescimento econômico, aumento das falências e crescimento meteórico do desemprego.
- Promove-se a reforma do Estado, gerando uma nova contradição: redução dos gastos públicos, particularmente dos sociais, ao mesmo tempo em que crescem as necessidades sociais, consequência da exclusão que este novo modelo maximiza.
- Em países que, recentemente, eram ditaduras, aumentam as desigualdades sociais. Falaremos de democracia selvagem como falamos de capitalismo selvagem? Como enfocar, neste novo cenário, estes novos problemas?
- Teorias limitadas pelas fronteiras do Estado-nação encontram teto baixo no seu poder de explicação; teorias que viam nas classes sociais as únicas categorias excludentes e excluídas deram lugar a um vazio teórico que requer uma formulação muito mais complexa, para preencher o espaço e para acompanhar esta nova realidade. São muitas as dimensões e as novas formas de exclusão.
- Tanto a realidade quanto a consciência de exclusão, a organização e a ação de setores excluídos arrebataram os esquemas teóricos e nos forçaram a pensar a exclusão de forma multidimensional. Há regiões inteiras que são excluídas, como a África, e que pagam o alto preço do passado colonial; há países excluídos e, dentro deles, sub-regiões excluídas, como o Nordeste brasileiro; persistem e crescem as exclusões de classes; há fortes exclusões raciais e étnicas; há exclusões de

gênero; de setores da economia e, dentro de cada um deles, de segmentos (a agricultura e, dentro dela, os trabalhadores rurais, os sem-terra); há exclusões na geografia social das cidades, com áreas marginalizadas; há exclusões com base na idade, como os idosos, em alguns países (mas não em todos) ocupando o fundo da pirâmide social; há exclusões que combinam gênero e idade, com efeitos multiplicativos, como as mães sós e as suas crianças que, por exemplo, nos Estados Unidos de hoje são a categoria mais numerosa por baixo da linha de pobreza. Estes fenômenos, porém, não são inteiramente novos. O que é relativamente novo é a associação entre a construção da democracia com crescimento da desigualdade e da exclusão.

- A exclusão é a norma e não a exceção. Ela admite variações no tempo e no espaço, entre categorias, e também varia de intensidade: há categorias mais e menos excluídas. A presença da exclusão é constante, mas a sua intensidade é variável.
- Até recentemente, a democracia era a exceção e não a norma. Como já houve “ondas” democráticas e ditatoriais, cabe perguntar: a democracia veio para ficar?

Estes fenômenos, no contexto da globalização e da crise do socialismo, requerem um gigantesco esforço teórico, de reflexão; empírico, de pesquisas que tragam dados antes desconhecidos; de ação, organização e participação dos excluídos; de formulação de políticas públicas socialmente eficientes.

A Universidade de Brasília está consciente destes processos e preocupada com eles. Iniciamos uma série de conferências sobre este tema, procurando trazer informações sobre a construção da democracia no mundo, trazendo à UnB pessoas que possam discutir estes grandes temas e informar sobre a construção da democracia no mundo, particularmente em áreas que não fazem parte do noticiário dos meios de comunicação.

Este esforço, de unir as perspectivas de diferentes disciplinas numa reflexão a respeito de problemas humanamente relevantes, fez Florestan Fernandes durante a sua profícua vida profissional. Nada mais justo, portanto, que, em homenagem a este grande brasileiro, intitulemos este esforço de Simpósio Florestan Fernandes – A Construção da Democracia.



Imprenta:
GRÁFICA VALCI EDITORA LTDA
SIG - Quadra 8 - Lote 2.230
Telefone: 344-1747 - Fax: 344-3025
CGC - 00336024/0001-16

Outros lançamentos da Editora UnB:

Einstein estava certo?
Clifford M. Will

*A minoria próspera e
a multidão inquieta*
Noam Chomsky

Rejuvenescer a velhice (2ª edição)
Maria Laís M. Guidi e
Maria Regina de L. P. Moreira (orgs.)

O texto da notícia
Elcias Lustosa

A potência do dragão
Sérgio Caldas Mercador Abi-sad

Drogas e sociedade nos tempos da Aids
Richard Bucher

Flauta transversa – método elementar
Pierre-Yves Artaud

*Entre árvores e esquecimentos –
história social nos sertões do Brasil*
Victor Leonardi

Amigos traiçoeiros
Sérgio Bath e Thiago de Mello

*O protestantismo, a maçonaria e a
questão religiosa no Brasil* (2ª edição)
David Gueiros Vieira



"...você pensa que revolucionário é o seu socialismo. Engana-se. Revolucionária é a democracia. O socialismo no máximo pode ser um dos conteúdos da democracia. A democracia é revolucionária porque é um regime sempre incompleto, sempre a fazer-se, aberto e plural, mas tudo isso na direção de uma sociedade com igualdade de oportunidades. E mais: para a sua prática efetiva, somente quando haja muita cultura e uma sociedade educada."

Anísio Teixeira

(Depoimento de Anísio Teixeira ao
Senador Artur da Távola)

Cod Edu: 27669

ISBN 85-238-0451-3



9 788523 004514